

**MNEMOSINE E APRENDIZAGEM:
Uma Breve Reflexão sobre a Memória a partir do *Fedro* de Platão e sua relação
com a Contemporaneidade**

**MNEMOSYNE AND LEARNING:
A Brief Reflection on Memory from Plato's *Phaedrus* and its relationship with
Contemporary Times**

**MNEMOSINA Y APRENDIZAJE:
Una breve reflexión sobre la memoria a partir del *Fedro* de Platón y su relación
con la época contemporánea**

Paula Oliveira de Souza¹
Tarso Ferreira Alves²

RESUMO

A memória, a partir dos gregos antigos, pode ser pensada como lugar de aquisição e conservação de um conjunto de hábitos, costumes e valores de uma cultura que, em suas raízes, é proveniente de uma narrativa mítico-poética na qual o culto aos antepassados se manifesta no presente e confere a própria identidade de um povo no seu modo de ser e agir. Ela não é só a capacidade humana de apreender os acontecimentos do passado, mas também de fazer com que este mesmo passado seja revivido no presente por meio das tradições, de modo que assim possa ser difundido pelos homens nos séculos posteriores. Nas sociedades tradicionais, quando ainda não existia a escrita, a oralidade garantia a conservação das tradições. No *Fedro* de Platão, o filósofo, tendo como base um mito, traz a questão do perigo proeminente que é o fato dos homens confiarem a sua memória a depositários externos. No mundo contemporâneo, é comum os sujeitos confiarem a sua *mnemosine* à Internet e a outros dispositivos - o que leva ao enfraquecimento da memória-interior e a sua identidade. O propósito é demonstrar, a partir *Fedro* de Platão, a importância do resgate da memória como instrumento de aquisição e transmissão do conhecimento para, então, refletir sobre a sua relação com a contemporaneidade. Trata-se de uma pesquisa teórica de caráter bibliográfico, de natureza qualitativa e cunho descritivo, em que os resultados sinalizaram que a memória-interior se enfraqueceu em detrimento da memória-exterior.

Palavras-chave: Memória; Platão; Contemporaneidade; Aprendizagem.

ABSTRACT

Memory, from the ancient Greeks onwards, can be thought of as a place of acquisition and conservation of a set of habits, customs and values of a culture that, in its roots, comes from a mythical-poetic narrative where the cult of ancestors is manifests itself in the present and gives the very identity of a people in their way of being and acting. It is not only the human capacity to grasp the events of the past, but also to cause this same past to be revived in the present through traditions, so that it can be disseminated by men in subsequent centuries. In traditional societies, where writing did not yet exist, orality guaranteed the conservation of traditions. In Plato's *Phaedrus*, the philosopher, through a myth, raises the issue of the prominent danger of men entrusting their memory to external depositories. In the contemporary world, it is common for individuals to entrust their *mnemosine* to the Internet and other devices - which leads to the weakening of their inner memory and their identity. The purpose is to

¹ Licenciatura em História (FIS), Especialista em Práticas Educacionais na Docência no Século XXI (IFF), Mestranda em Políticas Sociais (UENF), <https://orcid.org/0009-0008-4061-6551>, paulasouzahist@gmail.com.

² Bacharel e licenciado em Filosofia (IFCS/UFRJ), Mestre em Filosofia (IFCS/UFRJ) e Doutor em Educação (FE-UNICAMP), <https://orcid.org/0000-0003-3865-6008>, tarsosalves@gmail.com.

demonstrate, based on Plato's Phaedrus, the importance of recovering memory as an instrument for acquiring and transmitting knowledge, to then reflect on its relationship with contemporary times. In this sense, this article consists of theoretical research of a bibliographical nature, of a qualitative nature and of a descriptive nature, where the results signaled that the inner memory was weakened to the detriment of the outer-memory.

Keywords: Memory; Plato; Contemporaneity; Learning.

RESUMEN

La memoria, desde los antiguos griegos en adelante, puede pensarse como un lugar de adquisición y conservación de un conjunto de hábitos, costumbres y valores de una cultura que, en sus raíces, proviene de una narrativa mítico-poética donde el culto a los antepasados se manifiestan en el presente y dan la identidad misma de un pueblo en su forma de ser y actuar. No se trata sólo de la capacidad humana de captar los acontecimientos del pasado, sino también de hacer revivir ese mismo pasado en el presente a través de las tradiciones, para que pueda ser difundido por los hombres en los siglos posteriores. En las sociedades tradicionales, donde aún no existía la escritura, la oralidad garantizaba la conservación de las tradiciones. En el Fedro de Platón, el filósofo, a través de un mito, plantea la cuestión del importante peligro de que los hombres confíen su memoria a depositarios externos. En el mundo contemporáneo, es común que las personas confíen su mnemosina a Internet y a otros dispositivos, lo que conduce al debilitamiento de su memoria interna y de su identidad. El propósito es demostrar, a partir del Fedro de Platón, la importancia de recuperar la memoria como instrumento de adquisición y transmisión de conocimientos, para luego reflexionar sobre su relación con la época contemporánea. En este sentido, este artículo consiste en una investigación teórica de carácter bibliográfico, de carácter cualitativo y de carácter descriptivo, donde los resultados señalaron que la memoria interna se encontraba debilitada en detrimento de la memoria-externa.

Palabras clave: Memoria; Platón; Contemporáneo; Aprendiendo.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de um trabalho de conclusão de curso *Lato Sensu* em Práticas Educacionais na Docência no Século XXI, do Instituto Federal Fluminense (Campus Campos-Centro) e das discussões realizadas durante as aulas na disciplina “Autoconhecimento e formação humana”, que teve como objeto de estudo os diálogos de Platão, principalmente no que diz respeito à importância do autoconhecimento na educação. Diante das leituras, veio a descoberta do quão importante é a compreensão que Platão tem da memória para se pensar o processo de formação humana. Essa importância encontra-se refletida principalmente em alguns diálogos como o *Teeteto*, o *Ménon* e o *Fedro*. O caso propriamente do diálogo *Fedro* chamou a atenção em razão das críticas feitas por Sócrates acerca do surgimento da escrita, por esta apresentar um risco ou ameaça à aquisição do saber até então transmitido por meio da oralidade, que é o lugar de conservação da memória. De algum modo, percebemos a importância dessa questão ao traçarmos um paralelo com o mundo de hoje, onde o avanço

tecnológico e a Internet nos remetem a um problema parecido, na medida em que pode exigir menos dos homens a conservação da informação e do conhecimento dentro de si mesmos. O objetivo deste artigo é justamente refletir, a partir do legado platônico, sobre o papel da memória na vida, na formação do homem de hoje e na própria contemporaneidade.

A memória, por intermédio dos gregos antigos, pode ser pensada como lugar de aquisição e conservação de um conjunto de hábitos, costumes e valores de uma cultura que, em suas raízes, é proveniente de uma narrativa mítico-poética em que o culto aos antepassados se manifesta no presente e confere a própria identidade de um povo no seu modo de ser e agir. Ela não é só a capacidade humana de apreender os acontecimentos do passado, mas também de fazer com que este mesmo passado seja revivido no presente com base nas tradições, de modo que assim possa ser difundido pelos homens nos séculos posteriores.

A memória é a capacidade humana de apreender os acontecimentos do passado para assim difundi-los aos sujeitos ao longo dos séculos (Smolka, 2000). Nas sociedades tradicionais, a memória era transmitida pela oralidade a partir dos indivíduos que a conservavam (*aedos e rapsodos*) e que, portanto, eram responsáveis por exercer a função de conservar a própria cultura da qual faziam parte, que é a cultura grega. De outro modo, nas sociedades que tiveram contato com a escrita, a memória passa a ser um artefato secundário, pois a escrita permitiria a visitação e acumulação das memórias (Ricoeur; Vieira, 1988).

Ao longo deste artigo, tratamos de questões relativas à memória na Grécia Antiga e, em especial, à lenda de Thoth e Tamuz, na qual Thoth, o deus da escrita, apresenta uma nova tecnologia que ajudaria os homens em sua memorização. Tamuz, o monarca, chama a atenção para o problema da *mnemosine* ser depositada em repositórios externos, ou seja, na memória-exterior, o que vem a enfraquecer a memória-interior.

As noções de memórias individuais e coletivas (Halbwachs, 1990) são articuladas no decorrer dessa discussão, visto que procura pensar a relação entre a memória grega e a memória contemporânea. Ambas são tidas como fenômenos individuais, mas que se compõem de maneira coletiva. A principal diferença entre elas é que, diferentemente da memória grega, na memória contemporânea a sociedade utiliza de artefatos tecnológicos para registrar as informações do seu passado (Ribeiro; Barbosa, 2007).

No caso da memória grega, era quase “obrigatório” que as memórias fossem compartilhadas oralmente para que as tradições não fossem perdidas. Por outro lado, na contemporaneidade, obteve-se uma perda das tradições por não existir a “obrigatoriedade” que fizesse com que os sujeitos exercitassem suas memórias. A memória-interior¹ foi enfraquecida em detrimento da memória-exterior².

Ao final, apresentamos uma possível crítica que Platão poderia realizar a uma cultura contemporânea da memória, tanto quanto a sua relação com a aprendizagem. Defendemos aqui uma aprendizagem na qual o aluno possa utilizar a rememoração como uma forma de aprendizagem facilitada, instigando os discentes para que não se esqueçam. Não é uma forma de decorar que salientamos aqui, assim como afirma Paulo Freire (1971) com a educação bancária, mas de criar possíveis ancoragens pedagógicas para que os alunos possam sempre revisitar e relembrar.

Na lenda de Thoth e Tamuz, Platão mostra que a memória adquirida por meio da escrita é a base na qual se pode obter o conhecimento necessário para o fortalecimento do processo de aprendizagem, ressaltando que, em uma educação depositária, onde o aluno recebe muitas informações sem uma orientação, este mesmo conhecimento se torna obsoleto.

Dessa maneira, no tópico a lenda de Thoth e Tamuz procuramos pensar a importância da memória para as sociedades tradicionais, fundamentando teoricamente as questões do nosso objeto de estudo. Na parte relativa à memória grega, evidenciamos a respeito do papel da memória para esta sociedade. Quando citamos sobre a memória contemporânea, tivemos como propósito o apontamento desta temática em vários campos de conhecimento. Nas memórias individuais e coletivas, trouxemos uma correlação entre a memória grega e a contemporânea. Em memória e aprendizagem, elencamos a respeito da relação existente entre a educação e a memória. Nas considerações finais, é salientada a importância da memória para as sociedades, contribuindo com as histórias, alimentando o passado e fornecendo ao presente as ferramentas para compreender as mudanças sociais. A metodologia adotada consiste em uma pesquisa teórica de caráter bibliográfico, de natureza qualitativa e cunho descritivo.

A LENDA DE THOTH E TAMUZ

Nas sociedades tradicionais, a oralidade garantia a conservação das tradições. Por intermédio dos guardiões de memórias, os chamados *mnemon*, funcionários que

tinham a função de memorar e conservar o que era importante religiosamente e juridicamente (Le Goff, 1984), asseguravam a passagem das estórias³ para as futuras gerações.

Há na memória-tradição um importante papel para se constituir as estórias nos grupos de tradição oral. Essa memória era construída a partir da memória social dos indivíduos que, partilhando as suas memórias, teciam e asseguravam a repetição de comportamento de seus grupos (Ricoeur; Vieira, 1988). A *mnemosine*, nas sociedades tradicionais, era o fio condutor que se encarregava de transmitir, tendo por base a sua linguagem, as práticas, os hábitos, os costumes e os valores da própria cultura.

De acordo com Ricoeur e Vieira (1988 p. 56), a “memória retém certas coisas e esquece outras”, pois ela possui o poder de agregar informações novas assim como de apagá-las, e corresponde a um instrumento que pode ser manipulado, visto que é um poder político e social. A memória é construída de acordo com as temporalidades, ou seja, depende do século, de quem está no poder e do regime de governo.

Ao realizar um recorte nas sociedades tradicionais, assim como fazer referência à Grécia Antiga, a maior parte da cultura grega foi disseminada de forma oral até o final do século V a.C. Uma sociedade puramente oral, entre os séculos XII e VIII a.C., antes da disseminação da escrita (Vernant, 1990). No período Homérico, a *mnemosine* possuía uma grande relevância, pois a partir dela ocorria a disseminação de costumes e valores enfatizados por poetas inspirados nos Oráculos. As Musas figuravam como uma fonte de inspiração para os escritores da época produzirem, com as contações de estórias, os relatos para a continuidade das tradições. Mas, para os gregos, a memória também era carregada de um certo misticismo e, por isso, tomada de um significado transcendente e divino.

A memória, portanto, possibilitava a alma a inspeção de seus atos terrenos e a procura do autoconhecimento. Outrossim, essa divinização da *mnemosine*, além de ter o papel de mãe das Musas, também mantinha uma função poética capaz de possuir os *aedos* com seus delírios divinos e inspirá-los em suas poesias (Vernant, 1990). Ela proporcionava os segredos do passado, permitindo a passagem ao além.

No Período Arcaico, ocorreu a consolidação da escrita grega, o que marcou a fase da transição da oralidade para a escrita. Com a incorporação da escrita fenícia ao alfabeto silábico grego denominado de *linear*⁴, resultando na origem do alfabeto grego com 24 letras⁵ que conhecemos atualmente, surgiu a possibilidade para que poetas e

filósofos, que antes declamavam suas estórias balizadas pela memória oral, agora a preservassem em estelas⁶.

Platão vivenciou essa mudança oral-escrita na qual a *Paideia* mantinha a memória oral como o centro do universo social, sendo que somente os filósofos e poetas possuíam tais dons divinos do conhecimento. Com o desenvolvimento da escrita, *os mnemon* começaram a exercer a função de arquivistas (Le Goff, 1984). É notável que, em seus relatos, Platão deixasse evidente essa mudança da oralidade para a escrita, assim como as suas inquietudes diante desse fato.

No *Fedro* de Platão, temos um debate acerca da arte da retórica com dois personagens: – Sócrates e Fedro. No início do diálogo, Fedro, tentando dar continuidade aos treinamentos retóricos que obteve com seu mestre Lisíias, encontrou-se por acaso com Sócrates além das muralhas da cidade de Atenas. Fedro buscava memorizar o discurso de Lisíias, declarando que desejaria ter mais memória que uma grande fortuna. Em outro momento, Sócrates e o seu interlocutor debateram sobre a existência da reminiscência e a sua diferença com a memória, ou seja, permitiram refletir a respeito de como a alma do homem é aguçada para a *práxis* filosófica, realizando uma crítica à rememoração dos sofistas. Quase ao final do diálogo, Sócrates, com menção à lenda de Thoth e Tamuz, aborda o surgimento da escrita e seus perigos proeminentes.

No fragmento a seguir, podemos observar a lenda:

Sócrates: - Pois bem: ouvi uma vez contar que, na região de Náucratis, no Egíto, houve um velho deus deste país, deus a quem é consagrada a ave que chamam íbis, e a quem chamavam Thoth. Dizem que foi ele quem inventou os números e o cálculo, a geometria e a astronomia, bem como o jogo das damas e dos dados e, finalmente, fica sabendo, os caracteres gráficos (escrita). Nesse tempo, todo o Egíto era governado por Tamuz, que residia no sul do país, numa grande cidade que os gregos designam por Tebas do Egíto, onde aquele deus era conhecido pelo nome de Ámon. Thoth encontrou-se com o monarca, a quem mostrou as suas artes, dizendo que era necessário dá-las a conhecer a todos os egípcios. Mas o monarca quis saber a utilidade de cada uma e das artes e, enquanto o inventor as explicava, o monarca elogiava ou censurava, consoante as artes lhe pareciam boas ou más. Foram muitas, diz a lenda, as considerações sobre cada arte Tamuz fez a Thoth, quer condenando, quer elogiando, e seria prolixo enumerar todas aquelas considerações. Mas, quando chegou a vez da invenção da escrita, exclamou Thoth: «Eis, oh Rei, uma arte que tornará os egípcios mais sábios e os ajudará a fortalecer a memória, pois com a escrita descobri o remédio para a memória. - «Oh, Thoth, mestre incomparável, uma coisa é inventar uma arte, outra julgar os benefícios ou prejuízos que dela advirão para os outros! Tu, neste momento e como inventor da escrita, esperas dela, e com entusiasmo, todo o contrário do que ela pode vir a fazer! Ela tornará os homens mais esquecidos, pois que, sabendo escrever, deixarão de exercitar a memória, confiando apenas nas escrituras, e só se lembrarão de um assunto por

força de motivos exteriores, por meio de sinais, e não dos assuntos em si mesmos. Por isso, não inventaste um remédio para a memória, mas sim para a rememoração. Quanto à transmissão do ensino, transmites aos teus alunos, não a sabedoria em si mesma, mas apenas uma aparência de sabedoria, pois passarão a receber uma grande soma de informações sem a respectiva educação! Não-de parecer homens de saber, embora não passem de ignorantes em muitas matérias e tornar-se-ão, por consequência, sábios imaginários, em vez de sábios verdadeiros!» *Fedro* (274b-275b).

Neste diálogo, o sábio inventor de grandes artes, Thoth, apresenta-se a Tamuz, o monarca. De imediato, o soberano inicia suas indagações sobre as criações de Thoth, relatando quais seriam boas ou más. Thoth, o deus, ao salientar uma nova tecnologia que tornaria os egípcios mais sábios afirmou que, com a invenção da escrita, ela resultaria em um elixir para a *mnemosine*, ou seja, a escrita passaria a ser o lugar de garantia e conservação dos antepassados, o que dispensaria a conservação desse mesmo antepassado na memória dos indivíduos. O Rei Tamuz discorda da arte de Thoth, pois considera que a escrita, ao contrário de ser um elemento que fortifica as memórias do homem, os torna obsoletos e com pensamentos preguiçosos, afirmando que só se recordarão de algo por meio de “motivos exteriores”, ou seja, a memória-interior, quando fragmentada ao mundo exterior, enfraquece. A memória passa a ser confiada aos artificios exteriores que, neste caso, seriam os sinais da escrita, da memória-exterior.

Com isso, o Rei afirma que Thoth não inventou um *pharmakon* para a memorização, mas sim para a rememoração. Isto é, o homem deixaria de acumular conhecimento (em função da escrita), passando a ter um falso conhecer, momentâneo e de curta duração. A escrita enfraqueceria a memória do homem e o levaria a uma falsa sabedoria, pois se tornaria refém dela para recordar as informações. Portanto, “o deus transformou a memória, mas contribuiu sem dúvida mais para a enfraquecer do que para a desenvolver” (Le Goff, 1984, p. 20).

Transportando a questão da escrita na sua relação com a memória para os dias atuais, provavelmente existiria um conflito de pensamentos, pois, hoje, a forma de conhecer contrasta radicalmente com o modelo defendido por Platão, haja vista a massificação das informações e a sua mecanização que fragiliza o pensar crítico do homem tornando-o cada vez mais um ser automatizado e restrito às pautas midiáticas (Bauman, 2001).

Não é nossa pretensão estabelecer uma relação similar entre esses dois momentos tão distantes entre si, pois existe uma preocupação com o anacronismo.

Entretanto, não podemos desconsiderar a influência do pensamento de Platão em um contexto contemporâneo entre a memória, a sociedade e a Internet. De algum modo, a sociedade contemporânea se esvaziou da sua memória-interior, depositando suas histórias e tradições na memória-exterior perdendo, assim, a conexão do passado com o presente. Vive-se um momento de esquecimento do passado.

A MEMÓRIA GREGA

Por um longo período, a memória exerceu um status religioso entre a *Paideia*, pois, como vimos, no período Homérico na Grécia Antiga existia uma sociedade que, em grande parte, não tinha acesso a uma memória escrita, visto que era pela tradição oral que os cidadãos gregos tinham contato com os mitos. Mas, como passar as tradições de indivíduos para indivíduos de forma legítima?

Hesíodo⁷ relata que a *Mnemosýne*, a deusa das lembranças e esquecimentos, junto com Zeus, tiveram nove filhas, as Musas (*Euterpe, Clio, Talia, Melpômene, Calíope, Urânia, Polímnia Terpsícore e Érato*), que possuíam o direito de dizer a verdade – a *Alétheia*⁸. Portanto, o conhecimento era o lugar da expressão da verdade, do não esquecimento.

A menção da referente palavra grega, que negava qualquer forma de esquecimento, concedeu à oralidade força e certa igualdade em relação aos deuses, ao ponto de poder ser até comparada entre eles, já que ela sustentava toda a noção de sociedade e política na Grécia Antiga. Era por meio dela que a preservação da cultura e a transmissão dos conhecimentos tinha um lugar garantido nas memórias dos cidadãos gregos.

Essa memória foi influenciada, a todo instante, pelos mitos que misturavam entre suas narrativas, os deuses e os mortais, os desejos, as conquistas e as vontades divinas. Os mitos eram estórias que levavam um desfecho moral e punitivo, mostrando as consequências de escolhas boas ou ruins dos mortais, funcionando como se fossem leis em um sistema que ainda não tinha suas “regras” delimitadas.

A memória ocupava então um lugar de ordem religiosa para os gregos. Para o cidadão grego, a oralidade era o lugar de revelação da verdade, assim como a instância na qual o conhecimento nascia da memória, pois a *Gnosis* também era tida como uma habilidade divina.

Como já vimos, no período Arcaico o alfabeto grego foi consolidado. Todavia, a oralidade era algo ainda bastante forte. No período Clássico, a Grécia foi marcada

pelo nascimento da democracia e da *pólis*. Neste momento, as cidades possuíam um valor importante na organização da vida dos homens, pois era a partir delas que as assembleias e discussões ocorriam, visto que os filósofos se agrupavam para os debates e os assuntos políticos passavam a ser discutidos. Entretanto, o clima de estabilidade na Grécia Antiga e suas cidades-estados não perdurou por muito tempo, iniciando-se grandes conflitos. Com a Guerra do Peloponeso, com o conflito entre as duas *pólis* gregas, Atenas e Esparta, iniciou-se a decadência do Império Grego.

Perante as dificuldades financeiras e conflitos internos, no período Helenístico, a decadência da civilização grega pela invasão dos Macedônios aconteceu. Com o fim do império Grego, a derrocada dos ideais filosóficos também foi colocada em ruínas. Não que o pensamento dos gregos tenha se perdido com essa transição, mas os seus ideais passaram a ser difundidos de uma outra forma, o que fez com que a busca pelo conhecimento e pela memória fosse perdendo o seu aspecto místico, no sentido de não ocorrer mais pela evocação das Musas, mas sim pela memória-exterior.

A MEMÓRIA CONTEMPORÂNEA

A memória é um fato primordial da prática humana que armazena e recupera informações passadas, no sentido de permitir a recordação de cheiros, lugares, nomes e emoções. Com ela, formamos nossas identidades ao rememorar o que nossos antepassados produziram e nos deixaram como herança cultural.

Ao longo dos séculos, a definição de memória foi obtendo novos contornos e nuances, quando sociólogos, filósofos, historiadores, psicólogos e curiosos sobre esta temática, desdobraram-se em investigar e explicar o conceito do que seja a memória. Ao longo do século XX, numerosos debates surgiram com múltiplas perspectivas. No campo sociológico, nomes como Halbwachs (1990) e Bourdieu (1989); no campo filosófico Ricoeur (2003); historiadores como Pollak (1992), Nora (1993) e Le Goff (1992).

Em cada área do conhecimento, a memória carrega um valor diferente. Na psicologia, a memória é vista como algo biológico da mente humana: de ordem orgânica e psíquica. A memória se relaciona aqui com o cognitivo, com a formação de suas percepções, emoções e traumas. Para a neurociência, ela é verificada a partir das análises das funções cerebrais, de como o cérebro realiza as ligações entre os neurônios e de como o hipocampo gerencia as memórias. Na filosofia, a memória é

tida como a produtora da identidade tanto individual quanto coletiva de um povo; e é por intermédio dela que se constitui o próprio conhecimento.

Na perspectiva aqui desenvolvida, a memória está intimamente ligada ao passado, mas vivida no presente, pois é neste que reside o manancial de lembranças: Ela é “um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente” (Nora, 1993, p. 9). A memória seria a compreensão do passado orientada pelo presente. Já a História “[...] é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais” (Nora, 1993, p. 9). E esse pode ser um aspecto da contemporaneidade que representa um importante avanço em relação à reconstrução do passado que deve ser realizada de forma crítica e com amparo teórico. Nisto, a memória, na visão da História, seria o emaranhado de lembranças coletivas que um determinado grupo ou sociedade pode vir a produzir, ancorada no senso comum. Logo, a História utiliza a memória como uma problematização para a produção de identidades individuais ou coletivas.

Na sociologia, Halbwachs (1990) foi o primeiro a investigar a memória como um fenômeno que seria produzido pelo social. A memória é examinada pela perspectiva na qual pode ser moldada pelos interesses políticos e sociais vigentes (Bourdieu, 1989). Ou seja, a memória é um campo de disputas (Pollak, 1989, p. 2) no qual o poder simbólico é utilizado para a transformação ou modificações dessas memórias. “O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível no qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (Bourdieu, 1989, p. 8). Sendo assim, a memória seria então um fenômeno social.

As mais variadas perspectivas nos dão diferentes classificações do que seja a memória. Entretanto, em todas elas, existe o encontro com algo em comum: a memória auxilia na construção de identidades, pois o que as sustenta é o fenômeno de conseguirmos lembrar do nosso próprio passado. Por conseguinte, escolher entre lembrar e esquecer também se torna um ato político e social.

MEMÓRIAS INDIVIDUAIS E COLETIVAS

A memória individual, após os estudos de Halbwachs (1990), pondera que as memórias de um indivíduo não são somente suas e não existem separadas da sociedade. A memória só se torna um fato social quando ela é compartilhada com outras pessoas do seu grupo de convívio, e assim ela constrói as memórias coletivas. A memória individual, então, origina-se da junção de diferentes memórias do ambiente

em que o sujeito está incorporado. Nesta perspectiva, o sujeito compõe a memória individual e coletiva.

As mais variadas visões nos permitem diferentes classificações do que seja a memória. Seja ela grega ou contemporânea, a memória sempre construiu e fortaleceu identidades, que se sustentam pelo fenômeno de conseguirmos lembrar do nosso próprio passado.

Ao realizarmos essa comparação entre a memória grega e a memória contemporânea, podemos perceber que a memória grega era tida como um fenômeno individual que compunha a memória coletiva e social. Com as vivências individuais, a memória coletiva era composta na Grécia Antiga. Este é o caso também da memória contemporânea, que continua sendo construída na sua forma individual, mas compondo-se de maneira coletiva.

No caso da memória grega, era necessário e quase “obrigatório” que elas fossem compartilhadas para que mais pessoas pudessem lembrá-las e revisitá-las, não enfraquecendo assim as tradições. A memória contemporânea obteve um status de perda de tradições por não possuir essa “obrigatoriedade” das pessoas em exercitar a sua *mnemosine*. Ela se encontra hoje fortemente dependente da Internet, que influencia efetivamente o seu compartilhamento. Segundo Lévy (1993), a Internet tem o poder de persuadir seus usuários de como eles devem compartilhar as suas vivências. E, para Bauman (2001), a memória contemporânea é dinâmica e fluida, pois necessita acompanhar a sociedade da liquidez.

Na modernidade líquida, as informações mudam em questão de minutos, visto que a realidade não é tida como duradoura, mas fluida e fugaz (Bauman, 2001). É “no mundo virtual que as identidades também podem ser forjadas e se vive nas redes sociais uma dupla ou multipersonalidade” (Gabriel; Pereira; Gabriel, 2019, p. 690). A Internet, portanto, é tida como um depósito de conhecimentos e informações. Mas, como confiar em um depósito externo, na memória-exterior em detrimento da memória-interior?

Tente se lembrar de algum número de telefone da farmácia perto do seu bairro, provavelmente não conseguirá. Por conta disso consulta o *Google*, digita o nome da farmácia e lá já aparece o que queria. Agora, tente lembrar quantos números de telefone você sabe de cor ou tente relembrar alguns conteúdos que aprendeu no Ensino Fundamental e Médio. Faça isso por cinco minutos e veja quantas informações consegue lembrar. Pode ser que tenha se recordado de algo ou de nada.

Em decorrência disso, pode-se perceber que a sua memória interior se enfraqueceu; a confiança que você deposita em sempre ter as informações na palma da sua mão te enquadra em uma sociedade dos esquecimentos, da liquidez. Esquecimentos esses que podem ser classificados desde um número de telefone ao esquecimento das histórias das atrocidades do colonialismo, racismo, feminismo, sexismo.

É notório que Platão não realizou uma crítica ferrenha a respeito da escrita, mas recomendou que ela deveria ser utilizada com autodomínio e agudeza.

MEMÓRIA E APRENDIZAGEM

Platão, possivelmente, poderia ressaltar algumas críticas à contemporaneidade. Todavia, a maior delas seria dentro do campo da educação por ele defender a reminiscência, ou seja, a rememoração como processo de aquisição do conhecimento. Para Platão, conhecer (ou aprender) é relembrar. E, como na contemporaneidade a aprendizagem é concebida sem a rememoração praticada na Grécia Antiga, ela é deixada de lado. Apesar disto, mesmo que ela não seja privilegiada de um modo geral, a rememoração pode ocupar um papel no processo de ensino-aprendizagem quando percebemos a necessidade das crianças em decorar as letras do alfabeto para poderem escrever.

Não se defende aqui uma aprendizagem tradicional, amparada no molde da memorização de conteúdos, mas sim uma educação onde o aluno possa utilizar a rememoração como uma forma de aprendizagem facilitada. Várias são as formas pelas quais um estudante pode aprender. A memória deve ser instigada e alimentada para que não se esqueça, ou seja, é preciso revisitar, sempre que possível, uma data histórica ou uma fórmula matemática para não cair no esquecimento. Ademais, a técnica da “decoreba” não garante que o aluno tenha retido em sua memória as informações, pois é necessário que ele, acima de tudo, tenha compreendido as temáticas de modo que tenham sentido em suas vivências. Tal como afirma Freire (1971, p. 80):

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. [...] a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador, depositante.

Na lenda de Thoth e Tamuz, conseguimos identificar que Platão defendia a *mnemosine* como algo essencial para o processo de aprendizagem, pois permite ao homem compreender e examinar os conhecimentos que recebe. Entretanto, em uma educação por meio da qual o aluno recebe muitas informações sem uma orientação, os ensinamentos figuram apenas como receptáculos e, por conseguinte, não se consegue exercitar efetivamente as memórias com vistas ao conhecimento e aprendizado:

Quanto à transmissão do ensino, transmites aos teus alunos, não a sabedoria em si mesma, mas apenas uma aparência de sabedoria, pois passarão a receber uma grande soma de informações sem a respectiva educação! Hão-de parecer homens de saber, embora não passem de ignorantes em muitas matérias e tornar-se-ão, por consequência, sábios imaginários, em vez de sábios verdadeiros! (*Fedro* 274b-275b).

Tanto Platão quanto Paulo Freire defendem que a transmissão do conhecimento deve acarretar uma libertação dos indivíduos, com a *práxis* de uma “ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (Freire, 1971, p. 93). Freire apontava um caminho para uma educação libertadora com a conscientização dos indivíduos. Já no caso platônico, uma educação voltada para uma vida filosófica tem uma relação direta com o processo de aprendizagem, pois o filósofo deve exercer a dialética e o autodomínio.

Em síntese, ao deixarmos de lado a noção de que necessitamos exercitar a nossa memória para aprendermos, estamos somente revisitando depositários de informações (Internet) sem ao menos compreender seus contextos e formações. A memória-exterior seria um artifício de memorizar sem a importância de aprender o que está sendo memorizado. E, para Platão, a memória é o reservatório do saber, a fonte na qual devemos mergulhar e o poder de acessar a nossa memória-interior. É permitir ser um sábio verdadeiro, ao invés de sábio imaginário.

Caso sonhássemos com um diálogo entre Platão e um sujeito contemporâneo, poderíamos pensar que aquele conseguiria perguntar a este se deve resgatar o legado dos gregos. Certamente ele diria que teria dúvidas para responder. Mas o filósofo poderia refutar: por que não sabes? Falta-lhe sabedoria para responder esta questão ou está com preguiça de elaborar uma resposta concreta? A solução que seria dada pelo sujeito contemporâneo provavelmente seria recorrer ao *Google*, ao *Chat GPT* e similares. Por fim, Platão poderia responder: é sabido que sua virtude e memória já

não fazem parte da sua alma, nem sequer essa vontade já tivera em algum momento. Por isso, é preciso que se esforce, que exerça a rememoração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parafraseando Le Goff (1984), a memória tem um elemento fundamental que conhecemos como identidade, sendo individual ou coletiva. É a partir da memória que construímos nossos saberes, vivências e histórias. Sem a memória, perderíamos o nosso ponto de amarrações com nossa alma e antepassados. Ela não é somente uma conquista, é uma dádiva dada pelos deuses antigos da Grécia Antiga para suprir nossos sentimentos daquilo que não podemos esquecer e sempre recordar.

A memória é poder. Pode-se perceber isso mesmo com os séculos decorridos. Pela manifestação da memória, são percebidas as lutas pela dominação do que lembrar ou esquecer, pois ambas aparecem como uma escolha da própria existência. Nas sociedades tradicionais, em que a oralidade se fazia presente, a tradição era repassada com as lembranças. Com o advento da escrita, a memória se enfraquece ou, como definido aqui pelos autores do trabalho, a memória-interior, que é da *mnemosine* dos gregos, perde nos dias de hoje o seu foco, pois foi relegada aos depositários exteriores, à memória-exterior.

O sujeito contemporâneo perde essa ligação divina com a memória e passa a confiar em depositários externos e auxiliares porque lembrar dói, não no sentido carnal, mas na alma. Ter um ponto de ancoragem (Internet) que te faça lembrar somente de fatos que você quer visitar é um presente que a contemporaneidade fornece aos homens. Conhecer/visitar aquilo que somente deseja, ou isso seria um infortúnio? Um presságio que os deuses derramaram sobre a humanidade quando a sociedade Grega sucumbiu ao Império Romano? Será que Platão estaria avisando aos homens sobre os males que a escrita traria para as futuras gerações ou somente estaria contando mais um de seus mitos em suas passagens?

Sejam quais forem as respostas para essas perguntas, sabe-se que a memória, em qualquer século ou linha do tempo, denota um sentido essencial. Ela contribui com as histórias, alimenta o passado e fornece ao presente as ferramentas para compreender as mudanças sociais. A memória é, portanto, *eleuthéria*. A memória é liberdade.



REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOURDIEU, Pierre *et al.* **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 1971.

FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos Sonhos**, Vol IV, RJ, Imago. 1900.

GABRIEL, Fábio Antonio; PEREIRA, Ana Lúcia; GABRIEL, Ana Cássia. **Modernidade líquida e consumismo no pensamento de Zygmunt Bauman**. Revista Intersaberes, v. 14, n. 33, p. 698-698, 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, Jacques. **Memória**. Enciclopédia Einaudi, Memoria-História. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

LÉVY, Pierre. **Tecnologias da inteligência, As**. Editora 34, 1993.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, Projeto História n. 10, dez. 1993

PLATÃO. **Fedro**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 2. ed. Belém: EDUFPA, 2011.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista estudos históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLLAK, Michael. “Memória e identidade social”. **Revista estudos históricos**. Rio de Janeiro, v.5 n. 10, 1992.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; BARBOSA, Marialva. Memória, relatos autobiográficos e identidade institucional. **Comunicação & Sociedade**, v. 28, n. 47, p. 99-114, 2007.

RICOEUR, Paul; NEIRA, Agustín. **La memoria, la história, el olvido**. Madrid: Editorial Trotta, 2003.

RICOEUR, Paul; VIEIRA, Leonor Rocha. **Grécia e mito**. 1988.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. **Educação & Sociedade**, v. 21, p. 166-193, 2000.

VERNANT, J-P. **Mito e Pensamento entre os Gregos: estudos de psicologia histórica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

1 A memória-interior é um termo autoral elaborado pelos autores do texto para designar o fenômeno da memória que o homem possui desde o seu nascimento como um dom inato e a exercita sem o emprego de artifícios externos, como exemplo, a utilização da Internet para recordar certos tipos de informações ou relembrar eventos. Ela é, portanto, intangível.

2 A memória-exterior também seria um termo autoral adotado nesta escrita para designar o resultado final da memória-interior no ato de transferir suas memórias para depositários externos confiando, assim, suas recordações em dispositivos tecnológicos e deixando de exercitar sua memória-interior, somente revisitando essas âncoras de memórias. No caso da memória-exterior, quando o sujeito deposita suas memórias em depositários externos, pode ocorrer uma manipulação de memórias, visto que a sociedade exerce uma coação do sujeito, tornando por moldar e influenciar as memórias individuais dele e enfraquecendo o poder social de suas vivências, assim como fortalecer discursos de camadas sociais elevadas. Ela é, portanto, tangível.

3 De um modo geral, existe uma diferença clássica no emprego dos termos estória e história, principalmente quanto se trata do pensamento antigo. As estórias dizem respeito às narrativas de cunho oral, transmitidas de geração a geração, e que, portanto, se encontram internalizadas no imaginário social por meio dos mitos. Estória consiste, então, em uma narrativa de cunho imagético e ficcional; ao passo que a História se relaciona aos fatos propriamente ocorridos e que são descritos e comprovados de forma documental e científica.

4 Existiu antes da escrita linear b, a escrita linear a, derivada da cidade de Creta, porém sem tradução até os dias atuais. A linear b é uma forma adaptada da linear a, oriunda dos povos micênicos. A escrita linear b desaparece por um momento, por ser utilizada somente pelos escribas dos palácios.

5 Para ver mais, acesse: <https://www.scielo.br/j/icse/a/CQf5d8nnWdSQK6PJxh9JCKK/?format=pdf&lang=pt>

6 Estela são placas de mármore onde eram realizadas esculturas ou textos.

7 Para saber mais, acesse: <https://proa.ua.pt/index.php/agora/article/view/11763/7733>

8 *Alétheia* é uma palavra grega cuja raiz etimológica significa não esquecimento, visto que A (*alpha*) é um prefixo de negação e *létheia*, esquecimento.

Submetido em: 16/01/2024

Aceito em: 16/04/2024